

O COMMERCIO DE SÃO PAULO

FOLHA IMPARCIAL

ANNO I

ASSIGNATURAS:
CAPITAL, anno 18\$000
INTERIOR, anno 20\$000
EXTRANGEIRO, anno 48\$000
Pagamento adiantado

Sexta-feira, 10 de Fevereiro de 1893

PUBLICAÇÕES:
ANUNCIOS, linha 80 réis
SEÇÃO LIVRE, linha 120 réis
AVISOS 300 réis
Pagamento adiantado

NUMERO 20

EXPEDIENTE

O Escripção e as
officinas desta folha
estão na rua 15 de No-
vembro, 11.

Numero do dia, 100
reia, numero ataza-
do, 200 réis.

São agentes desta
folha, incumbindo-se
de receberem assig-
naturnas e publica-
ções:

NO RIO DE JANEIRO,
o sr. Antonio Telmo,
rua do Ouvidor, 63—
sobrado.

EM SANTOS, o sr.
Luiz de Mattos, rua
Vinte e Cinco de Mar-
ço, 35.

PALESTRA INDUSTRIAL

Dizem-me que ha falta, em S. Paulo, de
gas e de carvão. Que ambos são caris-
simos, é certo e incontestavel. Se não
falta de riqueza para alguns, não posso-
mos dizer, porque o não sabemos.

No entanto em alguns paizes, onde
quasi não ha carvão de pedra, o gás en-
ta, por outro cubico, mais de 200 réis,
do que a lha, e a lha, a boca da
mina, custa em outros, mais de 50000,
referidos á mesma unidade metropia.

Basta exemplar estas cifras para se
perceber logo que andam desequilibradas
em S. Paulo as condições economicas do
commercio e da industria, que dão re-
sultados tão extraordinarios e resulta-
dos, e que não ha ligação racional entre
aqueles preços e os do mercado desta
região brasileira.

Queremos dizer com isto, por ventura,
que hajam censuráveis especulações
mercantis, adrede encastelladas sobre
aqueles productos commerciaes? Não é
esse o nosso intento, nem o supponho
tão pouco. Desejamos afirmar apenas que
há, de forçosamente, existir um extor-
mento qualquer, que explique e justi-
fique semelhantes anomalias.

Será a deficiência dos meios de trans-
porte a causa do absurdo economico, e
que alludimos?

Serão desproporcionadas as tarifas das
ferro-vias?

Serão os fretes transatlânticos enor-
mes?

Serão os direitos aduaneiros, na parte
em que se referem áquelles productos,
levemente exagerados?

Deixamos em aberto estas perguntas,
e oxala sejam ellas convenientemente
elucidadas pelos interessados e com-
petentes. Emquanto, porém, isso não
sucede, convenemos um pouco a res-
peito do gás e do carvão, como artigos
de consumo publico, permanente e in-
evitavel.

O gás illuminante pode ser feito com
carvão de pedra, petróleo, resinas, ma-
deira, oleos e gorduras diversas, agua
e etheros de petróleo, ar e hydrocarbo-
nos volatéis minerais, turfa, schistos
bituminosos, etc., etc.

Concomente ao processo na apparencia
mais inverosimil—é o gás feito com ar.
E' coisa velha. Ha-o em muita parte,
empregado com o maior proveito. Póde
illuminar edificios, por em movimento
motores de gás etc., etc.

Para fazer o gás a seguinte: diluir
no ar atmosphérico em apparelhos
especiais, porém muito simples, certos
etheros de petróleo, isto é, os productos
ligeros mais volatéis, que resultam da
destillação do petróleo bruto, quando se
transforma em kerosene illuminante.

Estes etheros custam uma bagatella e
crêmos que a industria, a que nos refe-
rimos, não seria positivamente uma lu-
cra em S. Paulo, quando não enviasse
para illuminar a cidade inteira, poderia
alimtar ao menos muitos predios, al-
guns theatros, varios estabelecimen-
tos, etc., etc.

Ha, inclusive, nos paizes qtuas,
uma condição de exito para este gás,
na apparencia tão exaustivo. O ether
de petro, que lhe dá a combustibi-
lidade e a luz, não corre risco de se
liquefazer, ou está muito menos expo-
sto a este perigo, do que em regiões
muito mais frias do que S. Paulo e
onde, todavia, elle é frequentemente
applicado na illuminação publica e par-
ticular.

No que levamos dito não entramos
senão da parte tecnica. Se ha mono-
polios ou concessões especiaes, que pro-
babilmente semelhante illuminação, isso
não é composito.

Os oleos pesados extrahidos do pe-
troleo bruto, o proprio kerosene, dão
um gás excellent e que quasi não
exige destillação. As resinas estão no
mesmo caso. Parece-mos pois que,
num paiz como o Brasil, poderia, se-
nào sempre, pelo menos em certos ca-
sos especiaes, ser abandonado o car-
vão de pedra como materia prima do

CORREIO FLUMINENSE

RIO, 7 DE FEVEREIRO.

Dias coruleos, dias doloridos, lindos
que sois! Lindos mas aborrecidos...
Oh! como vos seriamos gratos, for-
mosos dias, se conseguissemos reviver
essa divindade aerea que teve, em
dadas longinquas, o nome suave de
Favonio! como vos bendizis a nossa
pobre carne se viessem pelo espaço,
agitando os seus cabelos invisiveis,
essas nymphas subis, auras chama-
das, que fallam pelo ciclo e que tanto
refrescam as noites de verão! Ali
lindos dias de saphyra e de prazios,
manhãs do nacer, tardes mornas de
granada, porque não vindeis assim for-
mosas, mas frescas...? Vamos arden-
do, lentamente, se ainda fôsemos como
a Phenix, a ave que renasce, leito-
ros, que resuscitava das cinzas, um
pelo menos, até pedir a crença para
parar o prazer do experimentar o
renascimento, porque deve ser deli-
cioso tornar á vida como quem acor-
da de um longo sono. Mas tendo
lindos dias já que não nos dá dolo
resurgir, não nos queramos inclinar,
deixai-nos intactos, dai-nos um pouco
do ar, sim, um pouco de ar, porque
lindas nuvens brancas que andam em
flocos tenebrosos pelo céu como gar-
ças, que digão: o que apparear, não
me atrevo a pedir que vos retireis
para que venham os nimbus plumbeos,
os nimbus que não são calças d'agua
do céu, os regadores de S. Medardo.
Vinde, auroras, e vós crepusculos fla-
mincos, deixai-vos ficar purpureos como
erupções vulcanicas, mas não afugentai
Favonio, deixai que as auras se en-
treiguem, porque deveras sinto-mo-
que impossibilidade de escrever, por-
que tenho o braço cansado de agitar
a ventarola... Ah! tempos pharoi-
cos, como era permitido a um homem
que distillava saber á rua entre la-
goes de asphix, abandonando em mo-
vimentos regulares os leques maravi-
lhosos feitos de plumas... Hoje seria
reparado o excentricismo que sabias a
passado entre abanadores. B abraça...
já não me atrevo a consulta do ther-
mometro — o mercurio sobe, e, a
propósito de mercurio, também vai
subindo o amor. A chronica vai fir-
mificar sentidamente um caso de im-
prudencia. A Hespanha tom como aphro-
disiaco que é um perigo brincar com o
fogo; ora o revolver, se não é fogo, é
pelo menos uma arma de...

Para não alongarmos demasiado este
artigo, vamos agora palear um pou-
co acerca do carvão.

Dos detritos do carvão de pedra,
misturados com coque e alcatrão de gás,
fazem-se excellentes briquetes—ladri-
lhos, tijolos ou prismas do carvão ar-
tificial, excellentes como combustivel
e como materia transportavel. E' pro-
ducto conhecido e cujo fabrico é
por vezes precioso nos paizes, onde
esta especie de combustivel—o combus-
tivel para fabricas—não sobeja ou é
relativamente caro. Em Portugal, no
norte, esta industria, creada ha pouco
está desenvolvendo rapidamente.

Ha ainda o carvão—chamado pri-
mitivamente charbon de Foré, e seus
analogos, e em que se aproveitam
todos os detritos vegetaes, dando-lhe
ou podendo arder, cimentados pelo al-
catrão ou analogos. Note-se de passa-
gem que, desde o momento em que
se dispense o carvão de pedra em cer-
tos ramos de consumo, a sua quanti-
dade augmenta para o resto de suas
applicações industriaes, o que desafia
o mercado, dando logo a baixa de pre-
ço, que é consequencia desta superabundancia relativa.

Se até existem hoje variadas espe-
cies de fornallhas, exclusivamente ali-
mentadas com petroleo. Não ha ma-
chinas de vapor aquecidas pelos oleos
mineraes? Não se têm fundido e for-
mado peças de artilheria em fornos
aquecidos pelo mesmo processo?

Quer-mo pois parecer que a enorme
carestia de carvão de pedra, que está
assolando a industria paulista, po-
deria remediar-se em parte, abrindo
para o consumo da hulha uma concun-
dencia, que deverá ter os seus effeitos
economicos habituaes, isto é, a venda
em melhores condições.

Nos Estados-Unidos da America do
Norte, os jazigos de oleos minerais
são enormes e inextinguíveis. Os oleos
pesados de petroleo não têm salidas
sufficientes nos mercados internacionaes.
Os etheros de petroleo superabundam.
No Canada, na Russia meridional, e
em muitos outros pontos do globo, de-
cobrem-se novas e poderosas nascentes
destes productos.

Sala-o, pois, da rotina, e que o
espírito pratico e inventivo da jovem
America se revele também no hemis-
pherio austral, como ha tantos annos
se revelou e estabeleceu na grande re-
publica do Washington, onde a novida-
de, sobre ser um reclamo, é também
um característico da raça e de nacio-
nalidade.

JOSÉ JULIO RODRIGUES.

Industria de Hygiene e Saneamento Publico

DIA 9 DE FEVEREIRO

Officio do fiscal José Arruda. — Reco-
rda-se ao thesouro municipal.
Requerimento de Eugenio Legnoli—
Concedo a authorização pedida, que vi-
gure dentro do prazo de quinze dias, de
acordo com o que requer o supplicante.

Expeditores—titulos aos empregados
ultimamente nomeados para esta intenden-
cia.

Solicito-se do dr. secretario da Fazenda
o pagamento da quantia de 100.000.000
ao pintor panista Benedito Calisto,
importancia do quadro — Invadida da
Verde.

Criminoso celebre

Falleceu na cadeia do Limoeiro, em
Lisboa, o mais celebre preso que alli
existia.

Chamava-se Antonio Matta, contava
30 annos de idade e era natural da fre-
guesia da Magalhães, concelho de Thomar.

Era um desgraçado, feio, de hauras
muito avorvelhadas, alheado das pernas,
parco em virtude de uma paralyzia,
do sorte que se fazia sustentar do pe-
so por umas cordas, e andava senta-
do a entrar, prostrado com um tiro de
de um para outro lado.

Um perfeito monstro.
E no entanto amou e foi amado; em-
biu a uma mulher e esta entregou-se-lhe.
Era casada, formosa e vivia em Oure-
te.

Um dia, os dois amantes planejaram o
assassinato do marido e Antonio Matta,
seguido atraz da porta, quando elle se
foi a entrar, prostrado com um tiro de
pistola, que a amante lhe fornecera.

Presos os dois amantes, foram ambos
condenados, ella a degraço e elle a
prisão perpetua. Anna está em Africa,
cumprindo a sua pena.

República de Immigrantes

Boletim diario do movimento de im-
migrantes, no dia 9 de Fevereiro de
1893:

Existiam 741
Sahiram 180
Existem 552

O conselho de instrução do municipio
de Arucas pediu ao governo uma verba de
300.000, para mobilis e mais uten-
silia das escolas publicas.

CASOS DO AMIGO PINA

II

Uma noite estavam quatro com-
panheiros, inclusive o indefectivel ami-
go Pina, abanados em torno á mesa
de uma modicosa hospedaria da rua.
Sobre a mesa fumegava uma enorme
travessa acingulada de pato com
arroz e, ao lado, um colossal canjiao
de vinho nacional procedente da
fazenda Nova Louren, de saudosa
memoria, onde o commendador Mon-
tenegro demonstrava praticamente que
o Brasil é um paiz vinhateiro e que
aqui se pode fabricar tão bom vinho
de pasto como o melhor europeu.

Comia-se com o appetite e o prazer
que dão os ares do campo e conver-
sava-se alegremente sobre a caçada do
dia seguinte ás perdizes, quando o Pi-
na, quasi ao fludar a ceia, pergun-
tou:

— Vocês não ouviram agora um
tiro?

— Olhamos-nos uns para os outros,
e por entre o sorriso geral, que sem-
pre despertava o conhecido estratagem-
ma de Pina, um de nós respondeu:

— Ha de ter sido dado pelo cama-
rada para reunir os cães.

E o Pina, immediatamente:

— A propósito do tiro, quem vocês
ouvir uma das melhores que me têm
sucedido?

E, como ninguém respondesse, o
Pina, comendo sempre e bebendo mel-
hor, deu começo á manacarente nar-
ração do um dos seus episodios de
caça.

Ora o Pina contava com o mocho
e quem o via beber imaginava-o fu-
rado, mas, quando elle narrava, ainda
comia e bebia melhor.

Apenas o Pina deu começo á sua
narrativa, o dono da hospedaria, attra-
hido pela curiosidade, pediu licença
para ouvir e sentou-se á mesa e
nos, tendo lido a essa victima volun-
taria e salvadora das custas
das do Pina, fomos sabendo á for-
ma e á delicia dos oidos entregue á
faucina assassina do narrador.

E, como o quarto que nos era des-
tinado ficava ao lado da sala de jan-
tar, enfiámos por elle, e cada um do
nos fôz mettendo na cama, para
dormir enlaidado ao som do soporí-
fico caso do Pina.

Efectivamente, minutos depois, ven-
cidos pelo canjiao, dormiamos a
sombra largo.

A' meia noite, porém, todos nós fo-
mos despertados por alguns gritos
abafados, que partiam da sala de jan-
tar, que ainda se conservava illumi-
nada e, sobresaltados, olhámos para
o lado do quarto, que se conservava
entreaberto.

Eis o que vimos:

O Pina, em pé, com a face congestio-
nada, segurando o infeliz estalajadeiro
pelo gacete, tinha-o premiado
de encontro a parede da sala e, em-
punhando uma longa faca de caça,
dizia-lhe:

— Quando vi o jacaré avançar para
mim, atravessando a face nos dentes,
atirei-me a elle, levei-o do encontro á
rabo e cravéi-lhe a faca no no-
vo da mão esquerda.

E, no dizer isto o Pina cravava vio-
lentemente a faca na parede a uma
polegada de distancia do hombro do
estalajadeiro.

Este, de olhos esbugalhados, com o
terror pintado na physionomia, fazia
efforts para se livrar das garras do
Pina, que, sem se aperceber desse
terror por causa da sua terrivel myo-
pia, continuava cada vez mais entusi-
asmo.

— A municipalidade deve receber do
thesouro do Estado, 700.000.000 des-
tinados á construcção da nova estrada
e chamar concorrentes para a obra.

Falleceu ante-hontem, ás 9 horas da
noite, nesta capital, a sr. d. Anna de
Souza Fernandes, esposa do sr. Americo
de Souza Fernandes e tia do dr. Galvão
Bommo, medico da policia.

O enterroamento deu-se hontem, ás 1
horas da tarde.

Mandou-se entregar á camera municipal
de Campinas, para a conclusão dos
servicos de desinfectio e entupimento
das latrinas, na area urbana servida pela
rede de esgotos, mais um auxilio de
30.000.000.

Tendo o governo italiano catibulado
negociações junto ao governo ingles
para este ratificar as promessas de
lord Salisbury, de que a Inglaterra
apoiaria a Italia no caso desta se ataca-
da por qualquer potencia europia
que pretendesse alterar o equilibrio do
Mediterraneo, consta que lord Rose-
bery, ministro dos Extrangeiros da
Grã-Bretanha, preterficientemente re-
spondeu que o seu paiz não tomaria
nenhum compromisso dessa especie.

Acham-se retidos no Quatro Comarca-
do de S. Paulo, os seguintes telegrama-
mas:

De Rio, para dr. João Augusto C.
De Pindamonhangaba, para Maria R.
de Contagem.

De esta feliz ponta-pé foi tão bom
applicado e occupado violencia, que o
Pina, vez bater de encontro á mesa
do jantar, atirando-o ao chão e con-
tando os vestis da ceia e o candieiro
de petroleo, que illuminava a scena.

SPORT

II

Desde esse momento, a casa ficou
escura, sentiu-se ainda um rebolico
como do algemem que corre precipitada-
mente; ouviram-se dois gemidos lon-
gos, em seguida as anclas de algemem
que vomita e depois tudo calou no si-
lencio.

Conjecturando o resto do interes-
sante episodio, cada um de nós ria
destradadamente na cama, mettendo
a cabeça em baixo dos lençóis e pro-
curando abafar o riso collando a booca
de encontro ao travesseteiro.

Pela manhã, ás 5 h2, quando, acordados
nos leitos, nos levantámos, vimos o Pina, ainda entorpecido sobre o
sofá da sala de jantar, a dormir no
meio de um lago de vinho e alimen-
tos vomitados.

Na parede, via-se ainda a faca crava-
da, e, quanto ao estalajadeiro, não
havia noticia d'elle.

Vestimos-nos apressadamente, resolvi-
dos a deixar o Pina, quando elle
acordou, bocejando bestialmente.

E como um de nós lhe perguntasse
que tinha sido aquillo, o Pina, ainda
deitado no chão, respondeu com a maior
naturalidade:

— Pois não vêm? Uma indigestão
fatal. Toda a vida o diabo do
pato com arroz me fez mal...

— Em tal caso, disse-lhe eu, o mel-
hor é voç ficar para descansar.

E antes que elle se resolvesse a
sagittar-nos, sahimos todos e montámos
os animaes que já nos esperavam,
arrulados, á porta.

Meia legua adiante da estalagem,
avistámos um vulto em mangas de
camisa, sem chapéu na cabeça, camin-
hando apressadamente na nossa frente
e fazendo gestos violentos com os
braços.

Era o estalajadeiro, que, ao reco-
nhecêr-nos, desatou a correr, pro-
prietamente suppondo que entre nós lá
o Pina.

Mas, ante os nossos insistentes e
amáveis chamados, o homem afinal
parou e esperou-nos.

Tinha ainda os olhos esbugalhados,
a face livida e no pescoço conservava
os sinais dos dedos do Pina.

E como nós, fingindo ignorar o que
se tinha passado, lhe perguntássemos
onde lá, o homem, depois de verificar
que o Pina não estava comnosco, disse:

— Vou ao povoado chamar a força
publica para me tirar aquelle loco lá
de casa.

Rimmo-nos.

— Os sr. riem-se, dizia o estalaja-
deiro, porque não viram o que se
passou.

— Mas, o que foi? perguntámos
tudo.

— O que foi? O homem quiz fazer-
me cair jacaré e quasi me varou com
a faca. Nunca vi um maluco daquella
força. Não fôz o pontapé que lhe
dei, a esta hora já estava na terra
do barão.

E, apontando para o pescoço:

— Pois os sr. não vêm? Olhem para
isto: os dedos do homem pareciam
um tornio e quasi me enforcaram; se
escapasse da faca não lhe escapava
da unha. E aquillo começou de man-
hã. Primeiro foi-me levando aos
empurros até ao fim do povoado.

Depois começou a dizer:

— Ora imagine, voç, ora imagine
voç, que voç é o jacaré... e, á dahi
a boceada, lança-me os gestos ao
pescoço, puxa da faca e começa a
dar facadas na parede juntinho da mi-
nha cara. Eu bem queria gritar, mas
não podia, porque a mão do homem
tapava-me a falla. E elle continuava
a cutar a sua historia e de vez em
quando a dizer: — espóra, diabo, es-
póra que já to arranco as tripas.

Quando isto ouvi, lembrei-me que o
homem podia estar louco, como estava,
e juntando todas as minhas forças
dei-lhe um pontapé que o atirou longe.
Poi o que me valen. Os sr. não viram
o barulho?

— Não ouvimos nada.

Afinal, depois de muito me rir, con-
vencemos o estalajadeiro de que o Pina
não era maluco e que aquillo não tí-
nha passado de uma chusca produzida
pelo Nova Louren.

DIVERSÕES

II

O Club des Fumeurs, que realçou
ante-hontem mais um baile ferreo,
percorrerá no proximo domingo as
ruas da cidade com o desconhecido
e sumamente zé-perreia.

Dizem que preparam surpresas de
deixarem a todos embasbacados e que
irão de provar que o espirito ferreo
é d'igual força em qualquer dos gru-
pos, excentricos, cometas ou patacos.

O salão do theatro S. José, visto-
samente ornamentado, está em ex-
posição desde hoje.

Vão ver, que não se atreppendem.

A nova opera de Massenet, Werther,
foi entusiasmaticamente recebida na
Comica, do Paris.

Todos os criticos concordam que a
nova opera forma com o Faust e Mi-
guel a grande trilogia inspirada pelas
obras de Goethe.

Agradou muito no Olympia Theatro,
de Londres, a representação da Mori-
tana, de Wallace.

Um dos primeiros pianistas da Fran-
ça actualmente é Luiz Diener, discipulo
do Rossini.

Em Viena, onde ultimamente re-
alison dois concertos, Diener foi muito
apreciado.

Foi representada em Veneza uma
nova opera—Alaide, do maestro Vi-
nietini.

Sarah Bernhardt passou de Trieste
a Veneza, onde foi, a principio, rece-
bida com frieza por causa dos preços
exagerados dos logares no theatro e
mais tarde applaudida até ao delirio.

A celebre artista ostentou na Duna
das Camélas os mais ricos e originaes
toilettes.

Joaquim Xavier Pinheiro é o seu
nome. E não é molle nem nada. Sentio,
o sr. Francisco Xavier Pinheiro, uma boa
pessoa, mandou-o vender um animal, o
do qual, montado a um cavalloço, foi
até ao Mercado, e passou a cobrir, não
só o animal, que estava encurruado de
fome, como também aquelle que era
montado, com arreios e tudo.

E depois de pillar o rio dispuzêr-se
na algebrá, tomou uma daspella, e
foi parar onde já se sabe: no xadrez.

Queixando-se auctoridade que o o-
brinho desaparecera e dando a descrip-
ção fiel da sua physionomia, o tio, depois
de percorrer a galeria dos engalitados
na estação central, deu com o seu queri-
do Joaquim, que estava coimando muito
tranquilamente a sua borraqueira.

Sobte da tranca e foi ao Mercado de-
manchar o negro e relavar o seu ca-
valloço, que tinha sido vendido.

O Joaquim ficou ainda coimando a
bebedeira na estação central.

Ben feito.

PROGREDIOR

Esteve animadissimo o almoço que
os sr. Vaccari, Mazzucchelli e Turati
ofereceram hontem á imprensa desta
cidade.

Estavam representadas quasi todas
as folhas locais, diarias, e o Messa-
geiro e Germania.

Durante o almoço, que honraria as
cozinhas de Volin ou do Bignon, re-
ceberam os convivas as mais capti-
vantes attentões dos actuaes gerentes
daquelle importantissimo estabeleci-
mento, que é o primeiro do seu ge-
nero na America do Sul.

No vasto salão dos festins, tão ele-
gantemente artisticos, foram trocados
muitos brindes, dirigidos na sua maioria
aos sr. Vaccari, Mazzucchelli e Tu-
rati.

A julgar pelo almoço do hontem,
podemos affirmar que no Progredior
se podem servir os mais lutosos ban-
quetes.

Eis o menu do almoço:

Hors d'œuvre:
Viande froide
Aspic monté en belle vue
Consommé à la Colbert
Poisson de mer au bleu sauce crevettes
Poulet au riz à la Progrediva
Asperges en branches sauce Vinaigrette
Chorizo à la Rio Grande
Pommes soufflées
Parfait au Melon
Fromages—Fruits assortis
Café, Liqueurs:
Vins
Madère Vieux—Cognac
Champagne—Port England

Pedia extracção do cargo de me-
moro da junta superior do abastecimento
militar da comarca de Capão Bonito
do Paranápanoma o sr. dr. Joaquim
Ferreira.

Na madrugada de hontem, um agn-
te de policia, passando pela rua do
Commercio, encontrou apasados os co-
mestres em 778 e 771, a mandou que
o guarda do posto não deixasse vigiar
as proximidades do logar, por preven-
ção.

A camara municipal da Villa de
Nazaréth pediu ao governo a creação
de uma agencia de correio na espalla de
Bom Jesus dos Perdões, daquelle mu-
nicipio.

